



BRONCO ANGEL,  
O COW-BOY ANALFABETO

**FERNANDO  
ASSIS  
PACHECO**

**bronco angel,  
o cow-boy analfabeto**

---

Edição e prefácio de Carlos Vaz Marques

L I S B O A  
TINTA-DA-CHINA  
M M X V

Esta novela foi originalmente publicada no jornal humorístico *O Bisnau*, entre Março e Outubro de 1983.

© 2015, Herdeiros de Fernando Assis Pacheco e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A  
1500-461 Lisboa  
Tels.: 21 726 90 28 / 29 / 30  
info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Ilustrações: © João Fazenda

Título: *Bronco Angel, o cow-boy analfabeto*  
Autor: Fernando Assis Pacheco  
Edição e Prefácio: Carlos Vaz Marques  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (V. Távares)

1.ª edição: Novembro de 2015

ISBN 978-989-671-285-3  
Depósito Legal n.º 399979/15

# Índice

<i>Prefácio</i> .....	9
Porradões na cabeça .....	15
Os verdes anos .....	19
Meu Deus, outra escola! .....	23
Entra o E.T. em cena .....	27
Perseguido pelo Olho Vivo .....	31
Um cavalo chamado mula .....	35
J.R. recebe-me em Dallas .....	39
A sós com Ronnie, na Casa Branca .....	43
A minha vida leva uma volta .....	47
Manias do xefe .....	51
Búfalo Poia em todo o seu esplendor .....	55
Búfalo Poia só faz confusão .....	59
Um conto de fardas .....	63
Cavalos, índios e outras bocas .....	67
Porque me tornei caixadoclos .....	71
Afinal sou inteligente! .....	75
Volta Jimmy Cicatriz! .....	79
Alguns momentos maus .....	83
Crónica de um «colt» anunciado .....	87

Como derrotámos os índios forasteiros .....	91
Os Lukaspiris vêm à bebida .....	95
Pomadas, danças e papéis .....	99
O acordo com a indiada .....	103
Olha a Conspiração! .....	107
Atritos com a Justiça .....	111
A edição do edital .....	115
Como eu acabei por ir para Connecticut da Tia .....	119
As penúltimas horas dum xerife .....	123

## PREFÁCIO

por Carlos Vaz Marques

Fernando Assis Pacheco não foi de cultivar vocação para estátua. A empáfia provocava-lhe fernicoques. É escusado procurar nele grandes proclamações. «Peçam a grandiloquência a outros / acho-a pulha no estado actual da economia.»

Martelando apenas com um dedo a velha Olivetti Lettera 32, de teclado agá-césar, sacou dela versos e breves, reportagens e notas de leitura, prosa urgente e poesia sem receita. Misturou tudo numa peculiaríssima confecção: a *gravitas* e o riso, o decisivo e o desimportante, o vernáculo e as palavras-de-sete-e-quinzentos.

Assis Pacheco levou sempre extraordinariamente a sério aquilo que fazia, incapaz de uma frase banal, mesmo na mais banal página impressa, destinada a embrulhar peixe no dia seguinte. Isso e o avesso: Assis — «o Assis», como era tratado por todos — não se levava minimamente a sério, sabendo dolorosamente que tudo é transitório. Um *sic transit gloria mundi* aprendido na guerra, onde a morte («morte merdeira / coisa ruim de cinza e névoa e cinza») lhe ensinou que o importante é «cuidar dos vivos».

De uma forma ou de outra, quase tudo é riso em Fernando Assis Pacheco. Fazer troça da própria dor pode ser um poderoso

analgésico. Uma pessoa sofre, uma pessoa comove-se, uma pessoa chora, mas no instante em que o sofrimento ameaça tornar-se autocomplacência é altura de sabotar a mariquice com uma boa gargalhada. A farsa é capaz de ser a arma mais eficaz de que dispomos perante a tragédia. Ou, pelo menos, a melhor maneira de lhe empatarmos o passo, já que o resultado final está escrito de antemão.

Também Bronco Angel passou a vida, desde o primeiro capítulo, a levar «porradões na cabeça» e nem por isso esmoreceu. Ele aqui está, impecável, mais bem vestido do que nunca, depois de anos e anos soterrado nas prateleiras da hemeroteca.

Fernando Assis Pacheco publicou esta narrativa (agora reunida em livro pela primeira vez) no semanário satírico *O Bisnau*, durante o ano de 1983, sob o pseudónimo — jocosamente literário — de William Faulkingway. O intuito programático por detrás deste divertimento, podemos encontrá-lo numa frase escrita noutra ocasião, a respeito de um outro texto, mas onde está definida por inteiro, com verve e veemência, a rejeição do sacro respeitinho por uma escrita bem comportada: «Literatura-literatura, bah! Viva o português de quatrocentas calhoadas ao minuto, que é por onde respiro!»

*O Bisnau*, dirigido por Afonso Praça, teve uma existência tão breve quanto a da insólita personagem do cowboy analfabeto. Nascido em folhetim, de pai incógnito, Bronco Angel é a mais viva ilustração da faceta de autor faceto que coabitava, em Assis Pacheco, com as suas outras dimensões literárias. Para além da notável poesia, da «noveleta» *Walt* e do belíssimo romance *Trabalhos e Paixões de Benito Prada*, a obra de Assis Pa-

checo – escritor múltímodo – é hoje quase por completo desconhecida.

Com este livro, a Tinta-da-china inicia a publicação de toda a obra de Fernando Assis Pacheco: o poeta, o ficcionista e o jornalista. Ou seja, temos pela frente um longo trabalho na recuperação de textos implacavelmente devorados pelo tempo. Apesar de árdua, a tarefa é entusiasmante. Como Fernando Assis Pacheco deixou escrito no primeiro verso de um belo soneto: «Os trabalhos de amor são os mais leves.»

**bronco  
angel,  
o cow-boy  
analfabeto**

## PORRADÕES NA CABEÇA



**E**u nasci de catorze meses, que é assim um bocado prematuro ao contrário, e foi por causa que a minha mãe não queria alcançar mas depois distraiu-se e o meu pai disse:

«Olha, se for rapariga chama-se Custódia», mas nasci eu.

Quando eu nasci a parteira olhou muito para mim e exclamou:

«Este moço é mais feio do que uma embalagem de fósforos de cozinha!»

Isto são coisas que eu ouvi contar e não ligo, porque realmente se fosse a ligar emigrava mas era para o Alasca e nunca mais punha os pés em Crow Junction, ora essa. A parteira nem levou dinheiro pelo serviço, ficou cheia de pena. Diz-se que disse à minha madrinha:

«Mais valia ter nascido de sete meses para vocês se irem habituando. Agora de catorze...»

O certo é que em pequenino não fui feliz nem infeliz, antes pelo contrário. Como todos os putos, roubava marmelada das tigelas e apanhava porradões na cabeça. Deve aliás ter sido disso que saí para o chocho. Ah, mas eu pelava-me por marmelada! Mais tarde, quando subi a xerife, assinei logo um mandado de





---

# bronco angel, o cow-boy analfabeto

---

foi composto em caracteres  
Hoefler Text e impresso pela  
Guide, Artes Gráficas, sobre  
papel Coral Book de 90 g,  
em Outubro de 2015.